

A ESPECIFICIDADE DA REPRESENTAÇÃO DOS FATOS HISTÓRICOS EM *ESAÚ E JACÓ*, DE MACHADO DE ASSIS

THE SPECIFICITY OF HISTORICAL REPRESENTATION IN *ESAÚ E JACÓ*, BY MACHADO DE ASSIS

Ludmylla Mendes LIMA*

Resumo: O presente artigo trata de analisar o modo particular como Machado de Assis constrói a representação dos fatos históricos brasileiros no romance *Esaú e Jacó*. Este romance traz em seu enredo dois importantes fatos históricos ocorridos no final do século XIX: a Abolição da Escravatura, em 1888 e a Proclamação da República, em 1889. O tratamento literário dado pelo autor aos fatos, imprimindo irrelevância aos mesmos no contexto do enredo, revela que para ser Realista ‘à brasileira’, naquelas circunstâncias específicas, era necessário mostrar o curso da História tendo como base a ausência de transformação.

Palavras-chave: Machado de Assis – *Esaú e Jacó* – História do Brasil.

Abstract: This paper intends to analyze the special way Machado de Assis builds the representation of Brazilian historical facts in the novel *Esaú e Jacó*. This novel brings in its plot two important historical events that happened in the late Nineteenth century: the Abolition of Slavery, in 1888; and the Proclamation of the Republic, in 1889. The literary treatment given by the author to the events, printing irrelevance to them, in the context of the plot, reveals that to build a Brazilian realism, in those circumstances, it was necessary to show the course of history based on the absence of transformation.

Keywords: Machado de Assis – *Esaú e Jacó* – Brazilian History.

- *Confesso-lhe que tenho o temperamento conservador.*
- *Também eu guardo presentes antigos.*
- *Não é isso; refiro-me ao comportamento político [...].*
(ASSIS, *Esaú e Jacó*, 2008)

A trama do romance *Esaú e Jacó*, publicado em 1904, penúltima obra de Machado de Assis, passa-se entre 1871 e 1894. Neste intervalo ocorrem dois importantes acontecimentos dignos de registro ligados à História do Brasil: a Abolição da escravatura, em 13 de maio de 1888; e a Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889.

O modo machadiano de configurar literariamente estes acontecimentos históricos, no entanto, caracteriza-se pela indiferença programática de que é imbuído o narrador para abordar tais eventos e também por um apelo circunstancial que rege a organização

* Doutora em Letras – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. Professora Adjunta de Literaturas de Língua Portuguesa – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, CEP:43900-000, São Francisco do Conde, Bahia – Brasil. E-mail: ludmyllalima@unilab.edu.br.

dos episódios históricos dentro da dinâmica do enredo. O autor se vale de uma bem construída irrelevância no modo de tratar as datas políticas e suas reverberações - quase nulas - na vida das personagens do romance em questão. Trata-se, portanto, do romance em que Machado mais se ocupa da História do Brasil e, ao mesmo tempo, esta História é mostrada de um modo barateado e em ritmo tedioso, características que trazem sugestivas implicações para a especificação do ritmo histórico brasileiro.

Diante disso, o objetivo deste artigo é a análise do episódio da Queda do Império brasileiro tendo em vista o modo como o acontecimento é configurado literariamente em *Esau e Jacó*. Outras situações históricas do período em questão também são mencionadas, geralmente *en passant*, pelo narrador do romance, a saber, a queda do Partido Conservador e a subida do Partido Liberal às vésperas do fim do Império; a Questão Militar; o Baile da Ilha Fiscal, o último do Império; o primeiro baile da República, o Encilhamento. Todos estes episódios, entretanto, estão ligados e emolduram o fim de um modelo de governo já esgotado e a sua substituição por outro mais moderno, mesmo que apenas em aparência, como o próprio ritmo da prosa tratará de mostrar. Veremos que a análise deste fato nos ajuda a compreender de que modo Machado utiliza recursos literários antirrealistas em seu intuito de formalizar literariamente a experiência brasileira.

O filósofo Paulo Arantes, num artigo em que analisa o procedimento de Machado de Assis na construção de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1880), resume os recursos antirrealistas de que o autor lança mão para construir um Realismo forte, num exemplo de dialética entre forma e experiência social:

Derrotando a subjetividade burguesa consistente, o capricho descarta o recorte individualista pressuposto na prosa do Realismo, arma-se em consequência um enredo vadio sem tensão, onde a trama não é retesada por nenhum conflito, nenhuma corrente central. Assim sendo, o tempo é improdutivo, não pressiona na direção de qualquer progresso, não enquadra enfrentamento algum de posições, daí a ausência de personagens napoleônicos, enérgicos e definidores, inviabilizados por patronagem e cooptação (ARANTES, 1996, p. 93).

O principal recurso é o barateamento do acontecimento histórico, que é tratado sem vibração e de modo desimportante se comparado, por exemplo, às periodizações históricas bem delimitadas do romance francês, “[...] as quais refletem embates em que está em jogo o ser-ou-não-ser da ordem social contemporânea” (SCHWARZ, 1999, p. 112).

Vejamos mais de perto como é construída esta irrelevância no tratamento da queda do Império brasileiro em *Esau e Jacó*. É possível traçar um paralelo entre uma

frase dita pelo Conselheiro, no *Memorial de Aires*, quando este visita a família Aguiar, em 14 de maio de 1888, portanto, no dia seguinte à Abolição da Escravatura¹, e o episódio em questão. A frase “não há uma alegria pública que valha uma alegria particular” é escrita pelo conselheiro após um mal-entendido em que este, ao notar certa animação em casa do casal Aguiar, felicita-os, pensando ser a assinatura da lei Áurea a razão do festejo, quando de fato, o casal recebera uma carta de Tristão, filho posticho dos dois, após anos de silêncio.

De modo semelhante, porém invertido, em *Esau e Jacó*, o episódio da Queda do Império surge incrustado em algumas “tristezas particulares”, problemas pessoais que tomam corpo nos capítulos que tratam do acontecimento histórico deixando-o enfraquecido em importância frente aos conflitos individuais, os quais, apesar de serem mencionados e trazidos à tona, também não têm condições de empolgar o leitor, conforme o enredo esvaziado da narrativa já vinha mostrando desde o início. Os dois principais problemas de âmbito pessoal que circundam e obnubilam a queda do Império em si, no romance, dizem respeito aos eventos particulares tangenciados pelo evento histórico, são eles, a ida da família Batista para o norte (e o subsequente afastamento entre Flora e os gêmeos); e o caso da tabuleta da Confeitaria do Império, pertencente a Custódio, que precisa lidar a partir de então com a recente inconveniência do nome do negócio, além do prejuízo acumulado pela compra da nova tabuleta.

Especificando um pouco mais, a “tristeza particular” de Flora surge quando esta toma conhecimento, por intermédio de Pedro, de que seu pai havia conseguido uma presidência de província no norte, o que faria com que a moça tivesse que se separar dos gêmeos. O assunto relacionado à presidência ganha relevo no capítulo “De confidências”, pois Aires é atraído para a casa de Batista depois do serão de Natividade pela moça, a qual deseja sua ajuda no intuito de demover seu pai da aceitação da presidência para que, assim, não se dê uma indesejável separação entre ela e os gêmeos; ocorre, porém, que o pai de Flora também deseja o aconselhamento de Aires em relação à aceitação ou não da presidência oferecida, apesar de já ter aceitado e assinado a aceitação. Surpreendentemente, Aires não foge à questão e opina favoravelmente à aceitação da presidência por parte de Batista. Fazendo assim jogo duplo com Flora, visto ter a ela prometido ajuda para impedir a mudança da família.

A circunstância em que se encontra a família Batista neste romance mostra a decadência da classe política brasileira no fim do regime imperial. O interesse maior de Machado está em deixar ver as atitudes de Batista e Cláudia no momento da crise final do Império. Há um interesse em mostrar a movimentação sutil diante da crise e como é

preparada uma nova acomodação, mesmo que para isso seja necessário lançar mão dos tão mencionados – e frágeis – princípios políticos, os quais ao fim não são mais do que ‘vestes’, conforme afirma o próprio Aires, “[...] também se muda de roupa sem trocar de pele” (ASSIS, 2008, p. 1160). O capítulo “A mulher é a desolação do homem” mostra como ambos, Cláudia funcionando como guia, agiram para mudar de time, para serem Liberais.

Assim, a classe política brasileira do fim do Império, representada por Batista e Dona Cláudia, no romance, pode ser caracterizada como totalmente destituída de valores ou ideologias minimamente coerentes, seja com a difícil restauração e manutenção do regime monárquico enfraquecido, seja com a formação de uma República em que o conjunto da sociedade pudesse ser de algum modo levado em consideração. Sérgio Buarque de Holanda, ao analisar as razões que levaram à decadência do regime monárquico no Brasil, ressalta a falta de ânimo e a apatia dos homens de governo frente à situação de debilidade do próprio Imperador, que se encontrava doente desde 1887.

A situação política de Batista e D. Cláudia beira o desespero, pois eles – ela principalmente – percebem que há uma fermentação ocorrendo, espécie de brincadeira de troca de cadeiras, e eles temem ficar sem lugar. Nesse sentido importa notar que a tão esperada presidência de província que Batista finalmente consegue arregimentar após ser convencido pela esposa de que era um “liberalão”, apesar da casaca de Conservador que costumava envergar, não passava de um restolho de um regime agonizante e carcomido. A esse respeito, Sérgio Buarque de Holanda (1972, p. 354), afirma, “Mesmo a presidência do Conselho deixara de ser um atrativo, e os que consentiam em aceitá-la muito pelevavam para convencer outros políticos de aceitar pastas no governo.”

Sendo assim, retomando a ideia de desvio interessado do foco do evento histórico rumo aos assuntos particulares na estruturação do romance, não deve surpreender o fato de que o capítulo intitulado “Noite de 14” trate tão somente do anúncio de que a família Batista deixará mesmo a Corte em função da nomeação de Batista como presidente de província. A ironia é ainda mais profunda quando, ao fim do capítulo, o conselheiro Aires é visto a escrever em seu *Memorial* sobre a inexplicabilidade e indecisão de Flora, ao que conclui que “[...] a nossa organização política é útil”, pois faz com que a moça seja afastada da corte e possa porventura se decidir por um dos gêmeos. A crise política vivida pelo Império, a tentativa de adaptação às circunstâncias vivida pelo casal Batista e o discutível sucesso da empreitada justificado pela conquista da presidência de província importam apenas na medida em que dão ensejo a uma possível solução para a

indecisão de Flora na escolha entre os gêmeos. Do mesmo modo, ou seja, priorizando o aspecto particular da questão política, o capítulo que se intitula “O golpe”, diferentemente do que se poderia pensar, não trata do golpe militar que provocou a queda do regime imperial brasileiro, mas sim do golpe recebido por Flora ao receber a notícia, agora confirmada, de que de fato se mudariam para o norte.

Se o objetivo de Machado é fixar a irrelevância do acontecimento histórico, como vimos tentando demonstrar até aqui, no capítulo “Manhã de 15”, o autor o faz, retratando o dia da queda do Império brasileiro como um episódio tímido, incerto, inesperado e confuso, perfeitamente passível de ser confundido apenas com um boato. Nada mais coerente para a formalização literária com o que de fato ocorreu, pois a Monarquia, no Brasil, não caiu com um estrondo, mas com um suspiro. Assim, é pelos olhos e impressões de Aires que o leitor toma conhecimento de que o golpe se deu: em meio à alta Literatura lida entre a noite de insônia de Aires e a manhã seguinte, que inclui Horácio, Cervantes, Erasmo e Xenofonte, o conselheiro decide cumprir um hábito seu nesses casos, o de “sair cedo a espaiecer”; conforme o narrador, Aires “nem sempre acertava”, insinuando que, apesar do gosto de ver o mar crespo e bravio, “A água, enroscando-se em si mesma, dava-lhe uma sensação mais que de vida, de pessoa também, a quem não faltavam nervos nem músculos, nem a voz que bradava as suas cóleras” (ASSIS, 2008, p. 1154), ele preferiria o sossego e o passeio rotineiro, sem nenhuma espécie de atribulação nem burburinho, únicas manifestações reais relacionadas com o evento histórico que se deixam ver no capítulo. A associação construída entre o mar bravio e potência de luta do homem neste trecho deixa ver certo ressentimento por parte do narrador de que nossas “revoluções” sejam tão tímidas e pacíficas.

Diante do burburinho percebido no caminho entre o Passeio Público, o largo da Carioca e a rua do Ouvidor, de dentro do tálburi, o conselheiro apressa-se em voltar para casa sem, no entanto, crer no que lhe contou o cocheiro e lhe confirmou o criado. Do mesmo modo que tantos brasileiros e até muitos dos próprios seiscentos militares que participaram do golpe, Aires não se deu conta de que se tratava da queda do regime.

Como é que tendo ouvido falar da morte de dois e três ministros, Aires afirmou apenas o ferimento de um, ao retificar a notícia ao criado? Só se pode explicar de dois modos – ou por um nobre sentimento de piedade, ou pela opinião de que toda a notícia pública cresce de dois terços, ao menos. Qualquer que fosse a causa, a versão do ferimento era a única verdadeira. Pouco depois passava pela rua do Catete a padiola que levava um ministro, ferido. Sabendo que os outros estavam vivos e sãos e o imperador era esperado em Petrópolis, não

acreditou na mudança de regime que ouvira ao cocheiro de tÍlburi e ao criado José. Reduziu tudo a um movimento que ia acabar com a simples mudança de pessoal. ‘Temos gabinete novo’, pensou consigo (ASSIS, 2008, p. 1155).

Somente com a retomada do problema particular de Custódio e seu drama relacionado à tabuleta da *Confeitaria do Império*, Aires ouvirá com todas as letras: “A república está proclamada”. O que, no entanto, não o impede de seguir dando conselhos a Custódio sobre como resolver o problema da inconveniente tabuleta, sugerindo nomes etc. A incredulidade, apatia e frieza diante da notícia da queda do Império e da proclamação da República permanecem.

Que, em meio a tão graves sucessos, Aires tivesse bastante pausa e clareza para imaginar tal descoberta no vizinho [Aires imagina que Custódio saiu de sua casa aliviado e esquecido do problema das tabuletas apenas por ter conversado com ele], só se pode explicar pela incredulidade com que recebera as notícias. A própria aflição de Custódio não lhe dera fé. Vira nascer e morrer muito boato falso. Uma de suas máximas é que o homem vive para espalhar a primeira invenção de rua, e que tudo se fará crer a cem pessoas juntas ou separadas (ASSIS, 2008, p. 1160).

É necessário apontar também a ironia com que o assunto é tratado por Machado: enquanto Custódio sofre as conseqüências da queda do Império pela perda da tabuleta nova que acabou de ser pintada (gastos com tinta, mão de obra), além do fato de que agora terá que arranjar um novo nome para o negócio, devido à ‘recente’ inconveniência do nome antigo “Confeitaria do Império”; Aires, o ex-representante do Império brasileiro, preocupa-se com o impacto que suas palavras e conselhos tiveram sobre o vizinho.

Aires foi à janela para vê-lo atravessar a rua. Imaginou que ele levaria da casa do ministro aposentado um ilustre particular que faria esquecer por instantes a crise da tabuleta. Nem tudo são despesas na vida, e a glória das relações podia amaciar as agruras deste mundo. Não acertou desta vez. Custódio atravessou a rua, sem parar nem olhar para trás, e enfiou pela confeitaria dentro com todo o seu desespero (ASSIS, 2008, p. 1160).

Vê-se que o barateamento do acontecimento histórico atinge a ambos, nenhum dos dois está preocupado com o que a mudança de regime poderá acarretar para o futuro do país. Machado, ao criar uma situação ficcional nesses termos, mostra a previsão certa de que esses acontecimentos não iriam mesmo resultar em mudanças significativas, não são relevantes nesse sentido e, como sabemos, não impediram o curso das desigualdades em que ainda vivemos. Apesar da queda de um modelo político

atrasado, o que o substitui é mais moderno apenas na aparência, pois as incongruências e perversidades sociais de fundo permanecem intocadas.

As personagens que se mostram mais sensíveis ao acontecimento histórico estão muito intimamente ligadas ao sistema, seja político, no caso do político de carreira e sua esposa, Batista e dona Cláudia, seja econômico, no caso do banqueiro e sua esposa, Santos e Natividade. Veremos que para todos eles trata-se de uma preocupação egoísta, a queda do Império poderia resultar na perda de privilégios. Batista sempre foi um político bastante medíocre, sem ideais ou projetos verdadeiros, para quem a política “[...] era menos uma opinião que uma sarna; precisava coçar-se a miúdo e com força” (ASSIS, 2008, p. 1114).

No caso do banqueiro Santos, sabe-se que ele lucrou muito com as decisões econômicas do Império, sua fortuna foi iniciada com a Febre das ações, ele se beneficiou também com a política do Encilhamento, por isso teme um pouco as mudanças. Se bem que veremos que o temor não tem razão de ser, pois tudo se mantém como antes. Nota especial para o medo de Santos (que se tornara Barão no decurso do romance) de que se instaure o Terror no Rio de Janeiro, a exemplo do que ocorrera na França, o que não o impediu de jogar o seu voltarete de costume, “Quis resistir; não era bonito que no próprio dia em que o regime caíra ou ia cair, entregasse o espírito a recreações de sociedade [...]” (ASSIS, 2008, p. 1163), e a possibilidade de acompanharmos, pelas andanças de Paulo, a realidade da nossa “revolução”,

Trazia até o desejo de achar alguém na rua que soltasse um grito, já agora sedicioso para lhe quebrar a cabeça com a bengala. Note-se que esquecer ou perdera a bengala. Não deu por falta dela; se desse, bastavam-lhe os braços e as mãos. Propôs cantarem a *Marselhesa*; os outros não quiseram ir tão longe, não por medo, senão de cansados. Paulo, que resistia mais que eles à fadiga, lembrou-lhes esperar a aurora. – Vamos esperá-la do alto de um morro, ou da praia do Flamengo; teremos tempo de dormir amanhã. – Eu não posso – disse um (ASSIS, 2008, p. 1164).

Nota-se que, para Paulo, a queda do Império daria ensejo a aventuras em nada articuladas com qualquer projeto político. Ao expor a irrelevância dos acontecimentos históricos e o modo com que a elite carioca “reage” aos mesmos, Machado nos faz ver que para ser Realista ‘à brasileira’, naquelas circunstâncias, era necessário mostrar o curso da História tendo como base a ausência de transformação.

De acordo com Roberto Schwarz, as razões para o bloqueio das vibrações das datas históricas no Brasil estão ligadas, por um lado, a um traço de nossa formação

social, e por outro, à estabilidade das relações e injustiças de base no país. Nas palavras do crítico:

Um tal sumiço do passado, ou, por outra, a ausência da história na consciência presente e na autojustificação dos brasileiros é uma peculiaridade cultural que vale ela mesma um estudo, além de deixar no vazio as alusões sibilinas de Machado a ocasiões nacionais (SCHWARZ, 1999, p. 111).

Assim, a abordagem da História por Machado em *Esau e Jacó* revela-nos o correspondente histórico do movimento de estruturação profunda do romance.

A representação literária dos eventos históricos feita sem ilusões de transformação social efetiva no futuro diz respeito às decisões de gabinete sobre as quais os acontecimentos estavam sendo conduzidos pela elite dominante. Desse modo, não é o caso de acusar alguma espécie de apatia no povo brasileiro. Esta acusação mira o alvo errado, conforme aponta Sérgio Buarque de Holanda. O que se nota claramente pela própria imobilidade tediosa construída por Machado no romance *Esau e Jacó* é que o conchavo bem alinhavado entre a classe dominante não permite que haja de fato algum conflito e, se não há conflito, não há mobilização. Mesmo quando não se chega a um consenso, os grupos dirigentes formados por “[...] uma camada extremamente rala de privilegiados que se sobrepõem à grande massa da população e estão unidos por interesses, vínculos de classe social e até de sangue” (ASSIS, 2008, p. 326) buscam uma solução “em família”, de modo a não permitir que esses conflitos tenham efeitos mais graves, com consequências objetivas.

Referências Bibliográficas

- AB'SÁBER, Tales A. M. Dois mestres: crítica e psicanálise em Machado de Assis e Roberto Schwarz. In: CEVASCO, Maria Elisa; OHATA, Milton (Org.). *Um crítico na periferia do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ADORNO, Theodor. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: _____. *Notas de Literatura I*. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2003.
- _____; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ALMEIDA, Jorge de. Pressupostos, salvo engano, dos pressupostos, salvo engano. In: CEVASCO, Maria Elisa; OHATA, Milton (Org.). *Um crítico na periferia do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ARANTES, Paulo Eduardo. *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- _____. *Ressentimento da dialética*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

- ARANTES, Paulo Eduardo. Providências de um crítico literário na periferia do capitalismo. In: ARANTES, Otília Beatriz Fiori. *Sentido da formação: três estudos sobre Antonio Candido, Gilda de Mello e Souza e Lúcio Costa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- ASSIS, Machado de. *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*. Organização, prefácio e notas: Raimundo Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.
- _____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. 4 v.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)*. 9. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000b. 2 v.
- _____. *O discurso e a cidade*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades: Ouro Sobre Azul, 2004a.
- _____. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades: Ouro Sobre Azul, 2004b.
- EULÁLIO, Alexandre. O Esaú e Jacó na obra de Machado de Assis: as personagens e o autor diante do espelho. In: WALDMAN, Berta; DANTAS, Luiz. (Org.). *Escritos*. Campinas: Ed. Unicamp, 1992.
- _____. De um capítulo de Esaú e Jacó ao Painel d'O Último Baile. In: WALDMAN, Berta; DANTAS, Luiz. (Org.) *Escritos*. Campinas: Ed. Unicamp, 1992.
- _____. Esaú e Jacó em Inglês. In: CALIL, Carlos Augusto; BOAVENTURA, Maria Eugenia. (Org.). *Livro involuntário*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1993.
- FRAGELLI, Pedro Coelho. *As formas da traição: literatura e sociedade no Memorial de Aires, de Machado de Assis*. 2005. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- GLEDSON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. Tradução de Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- HEGEL. *Estética: a arte clássica e a arte romântica*. Tradução de O. Vitorino. Lisboa: Guimarães, 1972.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. *Do Império à República*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1972.
- MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis, 1839-1870: ensaio de biografia intelectual*. 2. ed. rev. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.
- OEHLER, Dolf. *O velho mundo desce aos infernos: auto-análise da modernidade após o trauma de junho de 1848 em Paris*. Tradução de José Marcos Macedo. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.
- PAES, José Paulo. *Gregos & baianos*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas cidades, 1981.
- SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Duas cidades, 2000.
- _____. A viravolta machadiana. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, v. 69, p. 15-34, 2004.
- _____. Leituras em competição. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, v. 75, p. 61-79, 2006.

Notas

¹ Este artigo é uma versão modificada de uma comunicação oral apresentada no XI Encontro de Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa – Literatura, Comparatismos e Interdisciplinaridade – São Paulo – USP – 2011.

² No *Memorial de Aires* Machado novamente mostrará estes acontecimentos, visto que o recorte feito das páginas do diário do conselheiro para a edição do livro é justamente o que compõe os anos de 1888 e 1889.

³ “O acontecimento que privava D. Pedro de deter em suas mãos os fios da administração, vinha aumentar a sensação de desgoverno, produzida pelos muitos governos que sucessivamente iam subindo e iam caindo” (HOLANDA, 1972, p. 353).

Artigo recebido em 10/08/2013. Aprovado em 01/10/2013.